

GM
8/7/97
21

C-8

Ecoturismo deve movimentar US\$ 6 bi em 97

João Ricardo Penteadó
de São Paulo

Sair de férias sempre foi sinônimo de boa vida e descanso. Mas, essa idéia pode estar mudando. Hoje, férias ganharam sentido de atividade: longas caminhadas a pé, de bicicleta, ou mesmo uma viagem no dorso de um elefante. Talvez até um "rafting" emocionante na corredeira de um canyon, ou uma escalada no Everest, à custa de muito esforço e pouco oxigênio.

Essas alternativas são oferecidas por um novo tipo de turismo: o ecoturismo ou turismo de aventura. Essa modalidade deslanchou a partir desta década e já representa entre 5% e 8% do turismo internacional, devendo chegar a 15% em 2005, de acordo com a World Travel & Tourism Council, que organiza as estatísticas do turismo mundial. Segundo declarações do presidente Fernando Henrique Cardoso durante uma grande reunião do segmento em Manaus em 1995, o ecoturismo brasileiro movimentou US\$ 4,4 bilhões naquele ano, devendo esse faturamento estar hoje na casa dos US\$ 6 bilhões. A atividade cresce 20% ao ano.

Esse turismo é realizado por cerca de 300 agências especializadas, de pequeno porte, criadas por biólogos, esportistas, educadores, jornalistas e fotógrafos que atendem um número de 2,5 milhões de praticantes brasileiros, estima a Embratur. As grandes agências, por questões de mercado, se mantêm à margem.

"O ecoturismo exige um atendimento especializado que as agências maiores não possuem", informa Rogério Raupp Ruschel, da Ruschel & Associados, que presta serviços de assessoria e planejamento de ecoturismo para entidades do governo e particulares. Ele conta que as agências maiores trabalham sempre com grandes excursões, enquanto o ecoturismo, por sua própria natureza, faz um trabalho especializado com grupos menores. Com isso, essas agências preservam os sítios ecológicos, evitando matar a galinha de ovos de ouro.

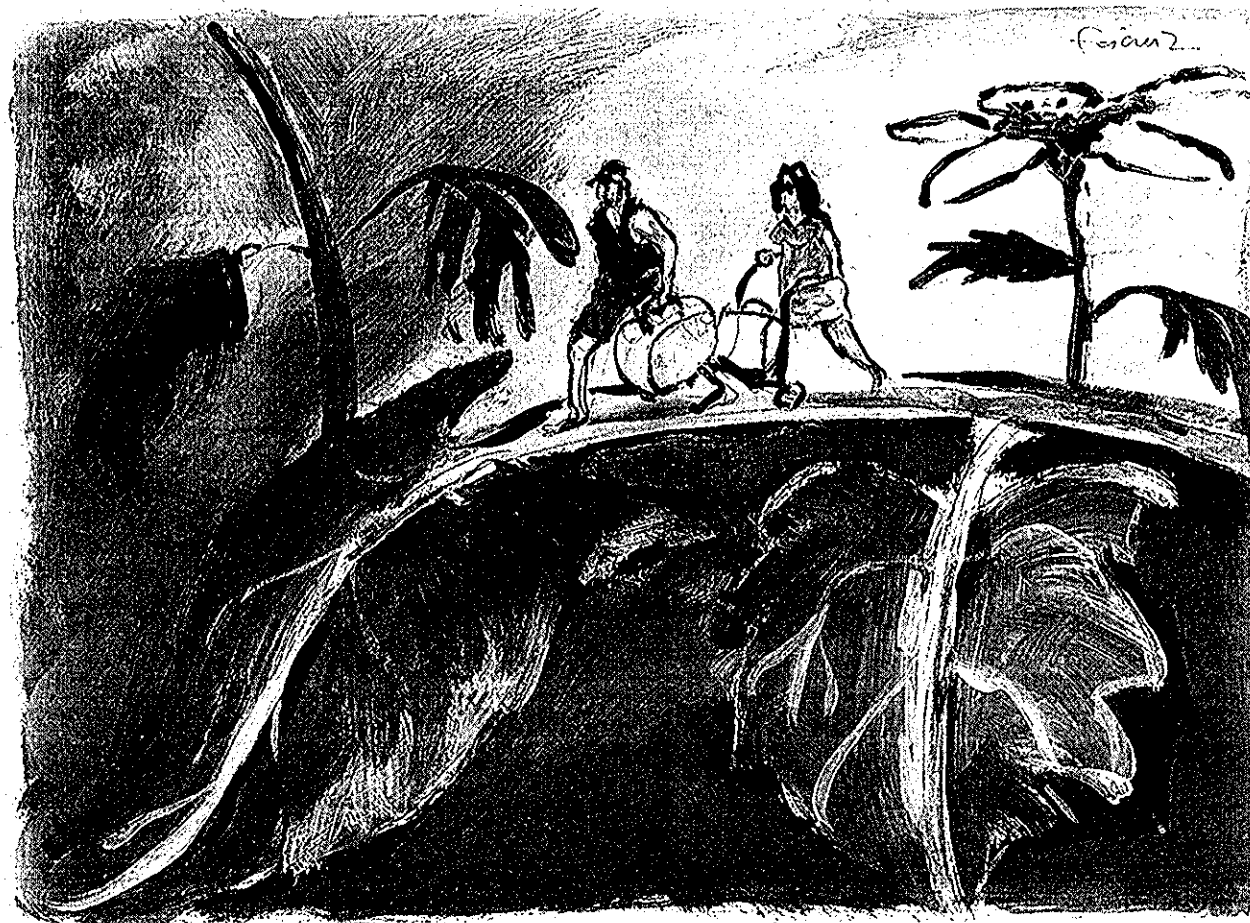
Apesar do desenvolvimento do

ecoturismo nacional, o Brasil ainda ocupa uma posição secundária no setor na América Latina. Países com o PIB e superfície inferiores, como o México, Argentina, Uruguai, Porto Rico e República Dominicana, estão à frente. Procurando reverter o quadro, o Brasil deverá sediar, de 15 a 18 de dezembro, no Rio de Janeiro, o World Ecotur-97, que vai contar com a presença de especialistas de mais de 50 países. O momento deverá marcar também o início de um novo enfoque para o desenvolvimento e expansão do turismo convencional e do ecoturismo no País. Nos próximos cinco anos, os investimentos públicos e privados para modernização de infra-estrutura do turismo brasileiro deverão superar US\$ 10 bilhões, estima a Embratur.

A tendência do ecoturismo, nacional e internacional, é aumentar os locais de atração e, não, engrossar o número de turistas que visitam esses locais. Ruschel afirma que a setorização da atividade também deve marcar o seu desenvolvimento futuro. E cita como exemplo o ecoturismo de observação (só o da fauna é estimado em 60 milhões de praticantes no planeta). São pessoas que viajam para observar e fotografar desde plantas e florestas até pássaros e animais selvagens.

O ecoturista busca emoção e um contato direto com a natureza. Ele

Cerca de 2,5 milhões de praticantes do turismo de aventura ajudam 300 agências especializadas a faturar com trilhas em lugares exóticos. País sediará primeiro encontro do setor em dezembro



é eminentemente ativo e se recusa a ficar atrás de um guia apenas recebendo informações. As pesquisas mostram que ele está na faixa dos 25 aos 45 anos, tem renda acima dos R\$ 2 mil mensais e ensino superior. Um dado curioso: 20% deles estão descontentes com o que fazem e redirecionando as carreiras profissionais. Porém, todos são unânimes num ponto: a defesa do meio ambiente.

Mas, apesar das pesquisas que delineiam o perfil desse turista, erros estratégicos ocorrem. A CI-Central de Intercâmbios, que comercializa passeios para os grandes Parques Nacionais norte-americanos, preparou um pacote de viagem para "mochileiros", amantes da vida ao ar livre. Mas não conseguiu vendê-lo. Os "mochilei-

ros" acharam "tudo muito organizado". "O projeto acabou obtendo sucesso junto a um outro público: gerentes e executivos de grandes empresas", afirma Victor Hugo Baseggio, da CI.

"A maioria dos turistas, atualmente, quer fugir do roteiro habitual das compras e dos intermináveis passeios em que permanecem passivos. Eles querem participar mais da viagem", afirma Silvio Martins, da Climb Expedições, especializada em "trekking" em montanhas. Ao preço de US\$ 1,69 mil, a Climb realiza longas caminhadas a pé, como a Trilha Inca, um percurso de cinco dias nas montanhas peruanas, entre Cuzco e Machu Picchu.

Antes que o cliente escolha o roteiro, Silvio explica-lhe o que vai

enfrentar e as precauções necessárias como vacinas, preparo físico. Se o cliente acha a o roteiro muito difícil, escolhe outro. A Freeway Adventures, outra agência do setor, enviou 1,5 mil turistas em viagens de ecoturismo no ano passado.

A Índia e o Nepal são os carros-chefes da agência, que faturou US\$ 450 mil em 1996. A viagem de 27 dias pelo interior desses países oferece também, durante o percurso, uma inusitada cavalcada em camelos e elefantes. O pacote sai por US\$ 4,2 mil.

"Um programa como este é o ideal para o turista que quer se livrar do 'estresse' da vi-

da nas grandes cidades", diz Edgar Werblowsky, da Freeway. A opinião é compartilhada por Cesira Sonia Colturato Aidar, 54 anos, artista plástica, que esteve na Índia e no Nepal pela agência. "Eu já havia viajado quatro vezes para a Europa e queria ter uma experiência diferente. Os vinte e dois dias que caminhamos pelo Himaláia a 5,6 mil metros de altura foram fascinantes", afirma Cesira.

Ela conta que só agora percebe que aproveitou muito pouco de suas viagens anteriores, quando permaneceu encerrada dentro das cabines de aviões, trens e ônibus. Mas conta que alguns excursionistas do Nepal tiveram que abandonar a aventura na metade, debilitados pelo cansaço e falta de oxigênio.

Um exemplo de especialização

do ecoturismo é a Sampa Bikes, que prepara excursões só para ciclistas. Através de pacotes locais e internacionais, a Sampa procura atrair os ciclistas que praticam o "Mountain Bike". Semanalmente, realiza passeios pela Serra da Mantiqueira por R\$ 150, inclusive transporte, refeições e carro de apoio. Os passeios levam, no máximo, 40 pessoas, em virtude da limitação do ônibus. Os ciclistas levam as próprias bicicletas e estabelecem o percurso que desejam fazer: menor para os de baixa resistência e de até 50 km para os com fôlego.

"No início do ano, realizamos uma excursão para Belize, no Caribe, e foi um sucesso", diz Paulo de Tarço Martins, da Sampa. Este mês, um grupo de 14 ciclistas brasileiros está indo para o Canadá. Eles vão fazer um percurso de "Mountain Bike" num Parque Nacional, entre as cidades de Jasper e Banf, por US\$ 2,2 mil.

Com tantas empresas voltadas para a natureza e o esporte, é natural que a tendência também gerasse atividades de apoio. É o caso da loja Half Dome, que trabalha com equipamentos de montanha e camping. Ela assessora muitos ecoturistas, realizando um trabalho próximo às agências.

"Temos uma videoteca e biblioteca para ajudar os indecisos", conta Jussara Nery, da Half. A ajuda vai desde conselhos para o tipo de roupas e sapatos a serem usados nas excursões, até a venda de materiais específicos de alpinismo, caminhada e montanhismo.

A importação desses materiais acabou atraindo também outros públicos: pescadores e jipeiros, que descobriram uma gama de produtos mais resistentes, leves e precisos do que os que usavam. O Paragliding, o paraquedismo de montanha, uma atividade muito próxima ao montanhismo, também acabou sendo beneficiada. Impressionados com o destaque dado pela mídia a esses vãos, muitos excursionistas procuram conhecer melhor o esporte e eventualmente até praticá-lo nas viagens que realizam.